



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA PARFOR

MARIA CRISTINA DOS SANTOS LOBATO
MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA BARRETO

**INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ, ABAETETUBA-PA**

ABAETETUBA/PA

2022

MARIA CRISTINA DOS SANTOS LOBATO
MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA BARRETO

**INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ, ABAETETUBA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge.

ABAETETUBA/PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B273i Barreto, Maria da Conceição da Silva.
Interações e brincadeiras de crianças da comunidade quilombola do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba - Pa / Mariada Conceição da Silva Barreto, Maria Cristina dos Santos Lobato .
— 2022.
41 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Interação. 2. Brincar. 3. Crianças Quilombolas. I.
Título.

CDD 301.2

MARIA CRISTINA DOS SANTOS LOBATO
MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA BARRETO

**INTERAÇÕES E BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ, ABAETETUBA-PA**

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge
Orientadora
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof.^a Dra. Lucielma Lobato Silva
Membro Externo
Professora da SEDUC-PA

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, nosso pai celestial que proporcionou em nossas vidas esse caminhar profissional que vai nos direcionar durante a vida inteira, por partilhas e aprendizados. Diz o senhor, “Em todas as ocasiões daí graças a Deus. Por isso, hoje nosso sentimento é de gratidão.

Agradecemos aos nossos familiares pelo apoio, pela ajuda e por nos abastecer diariamente com amor, respeito e auxílio, para que pudéssemos seguir confiante.

Aos nossos mestres, que nos acompanharam e repassaram o melhor de si, para que pudéssemos chegar até aqui. Em especial, a nossa orientadora que nos ensinou e teve toda paciência em repassar as orientações com sucesso.

Também agradecemos aos nossos colegas de turma pelos momentos vividos, pelas partilhas, pelos ensinamentos e a aprendizagem vivida.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata das interações e das brincadeiras de crianças de 5 a 8 anos de idade que residem na comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá. O estudo objetivou analisar como acontece as interações e as brincadeiras no cotidiano das crianças, na perspectiva de valorizar a cultura local também pelas produções infantis. Para isso, nos baseamos em estudos bibliográficos com base em autores como os autores Borba (2006, 2005); Brandão (2015, 2005), Pojo (2021, 2017), mais um ensaio de trabalho de campo tomando as vivências e observações junto das crianças por conversas e entrevistas com elas, e outros participantes, alguns familiares e lideranças da comunidade. De um modo geral, constatamos que existe diferentes formas de interação, socialização das crianças com a natureza e com suas famílias. Ainda, ratificamos que a valorização da cultura local como um modo próprio de viver, de interagir e de socializar devem ser preservados e valorizados pela comunidade, sendo as produções infantis tem sua importância, versatilidade e potência pedagógica que nos parece útil ao ensino escolar com as crianças.

Palavras-chave: Interação. Brincar. Crianças quilombolas

ABSTRACT

This Course Completion Work deals with the interactions and games of children aged 5 to 8 years old who live in the quilombola community of Baixo Itacuruçá. The study aimed to analyze how interactions and games happen in children's daily lives, with a view to valuing local culture also through children's productions. For this, we rely on bibliographical studies based on authors such as Borba (2006, 2005); Brandão (2015, 2005), Pojo (2021, 2017), plus a fieldwork essay taking the experiences and observations with the children through conversations and interviews with them, and other participants, some family members and community leaders. In general, we found that there are different forms of interaction, socialization of children with nature and with their families. Still, we ratify that the appreciation of local culture as a way of living, interacting and socializing must be preserved and valued by the community, since children's productions have their importance, versatility and pedagogical power that seem useful to school teaching with the kids. Keywords: Interaction. Play. quilombola children

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I: FORMAS DE INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS COM A NATUREZA E NA FAMÍLIA	10
1.1 Caracterização da comunidade	10
1.2 Sobre as pessoas e suas produções	12
1.3 As interações das crianças com a natureza e seus familiares	13
CAPÍTULO II: SOBRE OS BRINCARES DAS CRIANÇAS DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ.....	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso, construído pelas discentes Maria da Conceição da Silva Barreto e Maria Cristina dos Santos Lobato, foi realizado com pesquisa bibliográfica e de campo, sendo a parte empírica realizada por meio de observações e diálogos com moradores da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no rio Baixo Itacuruçá - ilha de Abaetetuba. O tema versou sobre “As Interações e Brincadeiras de crianças de 5 a 8 anos de idade.

O interesse em pesquisar o tema foi tentar dar visibilidade a história dos moradores desse lugar, em especial as crianças em suas produções infantis que se pauta na cultura local, no modo de ser e viver que são herdados de suas famílias e assim mostrar a importância de se valorizar a cultura, vivida e fortalecida pois configura-se aprendizados e sociabilidades que se dão no cotidiano.

Muitas crianças sabem onde moram em uma comunidade remanescente quilombola, e se assumem, mas outras não sabem de onde surgiu a origem, outras, por falta de conhecimento sentem vergonha de assumir suas origens. Logo, pelos brincades e interações elas têm a oportunidade de conhecer suas próprias histórias.

Nossa opção pela temática se coaduna com nossa origem de mulheres nascidas nas ilhas de Abaetetuba, assim vivenciarmos as mesmas realidades de vida e de contexto rural, derivando o interesse de darmos visibilidade as movências infantis em suas produções brincantes e interativas na comunidade do Baixo Itacuruçá, na perspectiva de mostrar suas culturas e o valor dos saberes por tais sujeitos.

Tomando Gil (2002), sabemos que toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema, ou indagação. Logo, no estudo a questão principal foi investigar sobre como acontece as brincadeiras e as interações das crianças da/na comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá? Assim, os objetivos foram assim elencados: Analisar como acontece as interações e brincadeiras no cotidiano de crianças da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, na perspectiva de valorização da cultura local. Os objetivos específicos são: mapear as formas interativas com a natureza e na família por crianças de 5 a 8 anos, visando captar suas lógicas e modos de viver e ser sujeito-criança; descrever as brincadeiras das crianças da comunidade do Baixo Itacuruçá, buscando explicitar suas diferentes formas e modos de socialização.

A investigação como mencionamos envolveu o trabalho de campo e bibliográfico. No estudo bibliográfico fizemos uso dos autores Pojo *et. al.* (2021, 2017) Borba (2006, 2005); Brandão (2015, 2005), entre outros.

Na parte empírica nos detemos a recolha de informações e experiências vividas pelas crianças em suas interações e brincadeiras. Assim, envolveu observações e visitas nos espaços da natureza, nos ambientes do lugar, e em suas famílias. E sendo a comunidade do Baixo Itacuruçá, uma localidade rural e de remanescentes de quilombos, pudemos observar como se caracterizam em suas culturas e modos de viver próprios.

As entrevistas foram com lideranças comunitárias, a Agente de saúde local e com alguns familiares de crianças. Com as crianças na faixa etária de 5 a 8 anos, além das conversas com elas, nos atemos a dialogar (entrevistando-as) com algumas e acompanhando um pouco de suas rotinas e percursos na comunidade. Aqui, cabe dizer que outro enfoque bastante utilizado foram o registro fotográfico, com teor de contar, registrar e nos ajudar a situar nosso próprio percurso em campo (GURAN, 2011, p. 05). Nesses termos, a utilizamos “tanto para descobrir quanto para contar no campo”, no nosso caso, contar dos processos cotidianos infantis.

Convém ressaltar que as autoras do trabalho são moradoras da área urbana da cidade, mas tinham conhecidos na localidade o que facilitou o ensaio de pesquisa de campo. O trajeto para esta comunidade se dá com a saída da frente da cidade de Abaetetuba em um barco freteiro com duração de 1:00h e 30m até a localidade. Na comunidade contamos com o apoio de uma amiga de curso, profa. Socorro e seu esposo, onde fomos muito bem recebidas pelo casal. E, no período de 18 a 20 de agosto de 2022 fizemos as observações, registros fotográficos e as entrevistas que são parte da discussão do tema e da análise no presente trabalho. Em andança na localidade realizamos caminhadas na beira do rio até o ramal do Santo André, na escola, nos campos de futebol, algumas residências etc.

O brincar é uma diversão que a criança desenvolve no decorrer do seu dia a dia, conforme ela vai se desenvolvendo vai descobrindo no meio familiar ou ao seu redor novas maneiras ou invenções do brincar. A diversidade de brincadeiras podemos ver nas beiradas do rio quando passamos, as crianças aproveitando os espaços que a natureza lhes oferece para praticar essas atividades, elas possuem um grande potencial de conhecimentos dentro desse meio de vivência. Vimos que não tem diferença de gênero para essas brincadeiras, meninos e meninas, brincam juntos. Por exemplo, brincar de pira pega na água; eles/elas improvisam cordas para brincarem de balanço que pula na água ou pulam das árvores na água, fazem corridas de canoas ou então de quem nadar mais. Atravessam os igarapés, brincam de

mergulhar pra ver quem fica mais tempo no fundo, e todas essas brincadeiras fazem parte das vivências dessas crianças. Assim, o brincar para elas/eles envolve a interação com o outro, o desenvolvimento físico e mental, a cultura local tendo lugar na pedagogia quilombola desta comunidade.

Vimos que o estudo tem sua importância no sentido desses saberes serem aproveitados/problematizados em sala de aula, fazendo parte da prática pedagógica do/a professor/a, enriquecendo ainda mais sua formação cultural e social, no convívio com essas crianças, e para o fortalecimento dos conhecimentos existentes da localidade.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira. A Introdução que situamos a pesquisa e o tema. Mais, o Capítulo I - Formas de interação das crianças com a natureza e na família, neste fazemos um passeio pela localidade e discorremos sobre as interações das crianças interagem com a natureza e suas famílias. O Capítulo II - Sobre os brincar das crianças do rio Baixo Itacuruçá, aqui são descritas as brincadeiras e suas formas criativas e de sociabilidade pelas e das crianças. Finalmente, fechamos o texto com as Considerações Finais.

CAPÍTULO I

FORMAS DE INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS COM A NATUREZA E NA FAMÍLIA

O capítulo propõe destacar a comunidade, como os sujeitos vivem e sobrevivem e de que forma as crianças interagem com a natureza e suas famílias.

1.1 Caracterização da Comunidade

A pesquisa se desenvolveu na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, área rural-ribeirinha-quilombola do município de Abaetetuba-Pa. O rio tem uma paisagem natural de árvores frutíferas e de floresta natural, área de várzea e de terra firme, em certos pontos do rio possuem pedras e uma extensa área de areia ao redor da ilhinha (POJO, 2017). O rio foi dividido em Baixo, Médio e Alto Itacuruçá, por ser um rio muito comprido, esta divisão foi feita pelos próprios moradores.

Na comunidade do Baixo Itacuruçá existe na área de várzea olarias que fabricam tijolos e telhas. Nas beiradas do rio existem muitos açaicais organizados, limpos, e manejados pelos proprietários das terras, os açaicais são diversificados em tamanhos e organização, para facilitar a colheita desses frutos. Trata-se de uma comunidade movimentada durante o dia, pelas embarcações que trafegam fazendo linha para a cidade, outros transportam alunos para as escolas, tem toda um itinerário de viagem de ida e volta e, também, estão presentes os batelões que carregam barro e lenha para o trabalho nas olarias. O lugar ainda é bastante povoado pelas famílias que vivem na beirada do rio. (POJO, 2017).

A ilhinha faz a divisão entre as comunidades do Baixo e Médio Itacuruçá, ali existe a igreja evangélica Assembleia de Deus, a igreja católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, vilarejos de casas, olarias e o movimento de banhistas no arreião quando a maré seca. (POJO, 2017).

Na área de várzea possuem muitos igarapés, furos, que facilitam a entrada de moradores de comunidades vizinhas. Como o lugar é bastante produtivo, se tornou alvo de pirataria, fazendo com que muitas famílias migrassem para a área da terra firme. No ramal do Santo André e do Santa Rosa foram construídas lindas casas de alvenarias por conta de a terra ser firme facilitando essas construções. O ramal é bastante povoado, composto pela escola Santo André, o CRÁS quilombola, a sede da comunidade que funciona também como o barracão de lazer, campos de futebol conhecidos como Santa Rosa e Bacuri, uma quadra de vôlei. Há, também um lugar

de referência, o Parque Encantado, que permanece em função da cultura local. Este Parque busca acentuar a cultura no seu valor, principalmente promovendo a interação e o brincar das crianças. Ao redor do parque tem toda uma estrutura de espaços e do ambiente propício ao entretenimento e diversão brincante às crianças, tem casinhas, redes amarradas no quintal, cozinha equipada sem contar com o teatro que estimula o prazer por estar nesse local com animação pelas crianças.

Fotos 1 e 2 - Parque Encantado



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022.

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro contempla uma paisagem verde, ampla e arejada pelo vento e pela chuva. Um lugar bom de se morar, assim percebemos que as famílias vivem bem, apesar das labutas. A comunidade é formada por 270 famílias, desses 105 são crianças na faixa etária de 5 a 8 anos de idade (dados de 2022)¹. A comunidade num todo é denominada quilombola, ou remanescente de quilombos. A moradora Idelma, diz assim:

Ser remanescente de quilombos é como se tivesse amassando o açaí, e tirasse aquele açaí bem grosso. Os primeiros quilombos foram nossos antepassados, aqueles que viveram escravizados pela ignorância de ver o outro como ser humano. E nós é como se fosse a chula do açaí, nós não somos os primeiros quilombos, já viemos de uma mistura de raça, tem gente branco, de olhos claros, mas isso não quer dizer que não é quilombola, e tem gente que pensa que pra ser quilombo tem que ser negro, nariz chato, lábios roxos, ser da umbanda, do candomblé, e não é bem assim. Nós somos livres, independentes e temos livre arbítrio pra escolher o que devemos ser, e nessa comunidade tem toda uma estrutura no que diz respeito a sobrevivência do

¹Segundo os dados familiares da Agente Comunitária de Saúde (ACS).

lugar, cada um vive como deseja e se sente feliz (Idelma Rodrigues, 40 anos, entrevista realizada em agosto de 2022).

Como forma de dizer mais um pouco do lugar, dispomos outras fotografias do lugar.

Foto 3 – Olaria



Foto 4 – Igreja da Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022.

Fotos 05 e 06 – A área do Parque Encantado



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022.

Fotos 07 e 08 – A Ilhinha e a Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022.

1.2 Sobre as pessoas e suas produções

As pessoas que fazem parte da comunidade do rio Baixo Itacuruçá exercem diferentes atividades laborais como lavradores, agricultores, líderes comunitários, agente comunitária de saúde, carpinteiros, pedreiros, freiteiros, marreteiros, padeiros, manicures, artesões, donas de casa, poetisas, músicos, pessoas comprometidas com a preservação e a cultura do lugar. São pais comprometidos com o sustento de suas famílias (POJO, 2017).

Na localidade existe toda uma organização de profissões herdadas de família como o carpinteiro civil e naval que não têm dificuldades em construir uma casa, em fabricar uma canoa ou rabeta de primeira qualidade, não é por acaso que o lugar é procurado por pessoas de outros rios para comprar ou mandar fazer o produto conforme o gosto de cada um. Percebemos que os moradores gostam de casas grandes, isso não mudou nada é comum para as famílias remanescentes de quilombo.

A comunidade conta com os vendedores ambulantes como os marreteiros que vendem peixe, frango, pão e frutas e outras iguarias, esses marreteiros passam duas ou até três vezes no rio, assim se come do que planta e, também, do que é trazido de outras localidades, como exemplo o pão vindo da comunidade vizinha do rio Arapapú.

A comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá sobrevive da extração de barro para a produção de telhas e tijolos, do manejo e colheita do açaí, da produção de farinha de mandioca, da colheita do fruto do miriti na época do inverno que é transportado para a comercialização na capital Belém-Pa e outros lugares do país. Vivem também da caça e da pesca de mariscos como o pescado, camarão e caramujo. Os sujeitos

ainda exploram com frequência os igarapés com a *gapuia* e *tapagem*, jogam tarrafas na beira do rio, colocam a rede para pescar, sem contar que também colocam o matapi. Todos esses processos são utilizados em prol de sua existência familiar. (POJO, 2017).

A comunidade é receptiva com outras pessoas e sabe conviver bem. Os moradores buscam cada dia manter esse respeito pela preservação da cultura local, são nomes citados o do mestre Lucindo com seus talentos ensinando os saberes da localidade. A senhora Maria Santana Batista Gomes cuidando da saúde das crianças e controlando os números de famílias como agente de saúde. O senhor Valmir Pinheiro Gomes ensinando valores religiosos para as crianças e familiares; a senhora Idelma Rodrigues repassando saberes acerca dos brinquedos de tururí e da vassoura de açaí; o senhor Josiel Pinheiro Gomes é artesão do brinquedo do mirití, o seu Caju e a dona Sabá mais filhos e netos repassando conhecimentos para os jovens da fabricação de brinquedos de miriti. Então, esses sujeitos fazem parte da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, no que diz respeito a existência e resistência da cultura, que fazem o uso da natureza para seu sustento e economia familiar e comunitária. São fazeres, resistências, costumes, saberes, são lideranças pelos ensinamentos da/com a vida em seus modos ancestrais, embalados pela natureza do lugar.

Ainda, cabe dizer que o território é encharcado de água, águas dos rios que molham e sedimentam a vida ali, assim:

Para as crianças e seus familiares, as águas e os rios são seiva que os alimentam, que os sustentam na difícil arte de sobrevivência, em uma região marcada pela heterogeneidade socioambiental, cultural e econômica, mas que exclui, que explora e que marginaliza, deixando os à margem das desigualdades sociais. (POJO *et al.*, 2021, p. 13).

Um pouco do que produzem com o miriti, pelas mãos dos artesãos.

Fotos 09, 10 e 11 – Brinquedos de miriti



1.3 As interações das crianças com a natureza e seus familiares

Segundo o dicionário português, o conceito de interação diz respeito a uma ação mútua ou compartilhada entre dois ou mais corpos, pessoas que convivem, se comunicam por meio de diálogos, tratos e contatos, Interagir é tornar-se próximo de. Na comunidade do rio Baixo Itacuruçá a vida das crianças e do ser humano de modo geral, é compartilhada, isto é, interação entre si, sendo para trabalhar, ir para a escola ou até mesmo em casa. Tudo que eles fazem é em grupo e, menos individualmente, seja no rio ou na terra firme. Não por acaso, “O bicho humano aprendeu desde cedo ocupar todos os espaços naturais da terra” (BRANDÃO, 2005, p. 24). O ser humano sabe fazer da natureza o seu lugar de habitar e estar nos grupos onde vivem. E as crianças interagem entre elas, com os adultos e com a natureza.

Essas crianças interagem entre elas, com os colegas da vizinhança, no caminho para a escola, com seus pais, avós, tios, no trabalho de seus pais, tudo é motivo para as crianças interagirem entre si, com o ambiente e com adultos.

Tratando de processos interativos é que nos debruçamos, assim o estudo seguiu, também, o percurso das experiências vividas pelas próprias autoras, porque para a realização do trabalho tivemos que saber interagir. Tivemos que rememorar nossa vida de crianças exercidas em comunidades rurais do município de Abaetetuba-PA (Rio Arumanduba, Rio Itacuruçá) e fomos lembrando das diversas formas de brincar em contato com a natureza, com recursos materiais extraídos diretos da natureza para confecção de brinquedos e de adaptar brincadeiras. Assim, ainda hoje é o que vivenciam as crianças da comunidade quilombola do rio Baixo Itacuruçá. Vimos crianças na faixa etária de 5 a 8 anos brincando da mesma forma nessa cultura. Foi algo que despertou o nosso interesse, problematizar o valor da cultura e da realidade brincante na reinvenção de um jeito de viver e ser quilombola, buscando perceber seus saberes, suas infâncias, suas interações com a natureza e suas famílias.

E este contínuo, inevitável e irreversível modo de nós vivermos no mundo e lidarmos com a natureza de que somos parte, faz parte de algo que é nosso e tem a nossa marca, “marca na terra”. Podemos dar a ele o nome de socialização da natureza. Socializar a Natureza envolve o nosso sentir, pensar e agir sobre o mundo natural de modo a transformá-lo para fazê-lo integrar-se no e interagir com um dos muitos mundos de culturas em que nós, os seres humanos existimos e vivemos. Vivemos dentro de e na natureza, como seres naturais que somos, todas e todos nós. Mas em um mundo de Natureza coletiva e socialmente transformado em um Mundo de Cultura (BRANDÃO, 2005, p. 31, grifos do autor).

Foto 12 - O caminho da beira do rio para o ramal Santo André



Fonte: Conce Barreto, 2022.

Ao chegarmos no ramal a primeira pessoa com quem interagimos foi o com o senhor Valmir Pinheiro Gomes, presidente da comunidade. Neste dia, ele vinha chegando do trabalho de manejo de açaí, e tivemos a oportunidade de nos apresentar a ele, e ele nos recebeu mesmo não nos conhecendo. Naquele momento, pedimos para nos atender em outro momento, quando estivesse descansado, mas ele logo disse que tinha condições de nos responder naquele exato momento, então nos sentamos na frente da casa de sua irmã e demos início a conversa bastante produtiva. Iniciamos por perguntar sobre as crianças² e, ele assim se manifestou:

São crianças brincalhonas, estudiosas. No que diz respeito aos estudos, fazem suas atividades. Fazem também parte da religião católica, são participativas na comunidade, algumas já atuam em alguns ministérios, fazem a leitura dominical e outras cantam fazendo a alegria da igreja. Como presidente da comunidade vejo que essas crianças são muito felizes nessa área quilombola. As brincadeiras são jogos de bola, vôlei, mas de todas as brincadeiras a bola é o envolvimento da comunidade, é a brincadeira que mais gostam, entrosa crianças, mulheres, jovens e grupo da maior idade (Valmir Pinheiro, 40 anos, entrevista realizada em agosto de 2022).

² Pedimos para que caracterizar as crianças do Baixo Itacuruçá.

Foto 13 - Jogo de bola no campo



Fonte: Maria Cristina, 2022.

Voltemos a interação. O morador Valmir Pinheiro comenta também sobre o uso do celular (foto 14) que, em sua visão, atrapalha muito e que se os pais não controlarem as crianças ficam direto no celular. Diz ainda que esse método de brincar prejudica a criança tirando o foco e o gosto pelo brincar com o corpo inteiro, até porque conforme o morador, no quilombo a natureza oferece muito espaço para que essa criança desenvolva suas criatividade que não são poucas. E, o mais importante, é ver essa criança brincar, isso ajuda muito na interação e as brincadeiras são em conjunto, e ao mesmo tempo, eles se agrupam por faixa etária.

Vimos que as crianças se agrupam com outras crianças, os jovens organizam suas brincadeiras e grupos e, os adultos, brincam com outros grupos de adultos; as mulheres também formam seus grupos, brincam, interagem e possuem seus modos de diversão.

Foto 14 - A criança usando celular



Fonte: Conce Barreto, 2022.

Ainda na conversa com este morador, nós perguntamos: e a brincadeira no rio? A resposta foi a seguinte: “existe brincadeiras iguais (de tempos atrás) que as crianças só fazem algumas mudanças, como o pega-pega e existe brincadeiras diferenciadas como a diversão de remar na canoa”. Informou que as brincadeiras no rio são mais praticadas pelas crianças da beira e, as crianças da terra firme, como aqui no ramal brincam em estilos diferentes. Ao perguntarmos quais brincadeiras eram diferentes e quais eram iguais, o morador nos deu um exemplo.

As crianças do rio brincam de pega-pega, elas nadam, mergulham e se escondem no fundo do rio ou na beira e, as crianças da terra firme, brincam também de pega-pega com algumas adaptações, tipo elas se escondem por trás das árvores, correm, sobem nas árvores. As diferentes é o remar, porque na terra firme não dá para remar.

Como mencionamos ambas as crianças habitantes da beira do rio ou da terra firme, todas sabem nadar, porque a maioria das crianças moravam nas beiras do rio, furo ou igarapé, e suas famílias migraram para terra firme, e essa cultura ela é contínua e faz parte desses ensinamentos de berço. Funciona assim, cresceu um pouco e logo ensina a nadar, a remar por fazer parte desse convívio, de interação com a natureza, por isso chamamos de ribeirinhos as famílias que moram na beira do rio e de quilombo as famílias da terra firme, sendo que somos todos do rio e faz parte desse quilombo.

No contexto familiar, percebemos que as crianças têm um convívio de união com seus pais, irmãos, avós tios e assim por diante. Ainda prevalece na comunidade o respeito entre todos, principalmente quando eles não sabem de alguma coisa, eles procuram logo perguntar para os adultos, então temos num grupo familiar ajudas por parte dos membros, e é desse jeito que agem com as crianças, conforme sinalizaram alguns pais/mães. No contexto familiar ainda prevalece o respeito, as crianças obedecem aos pais, fazem suas tarefas escolares. Os pais acompanham os filhos para as consultas, não deixam as crianças desinformadas das conversas que lhe cabem, a obediência com os outros, sabem receber e ajudar em qualquer informação, são umas crianças diferenciadas, sabem se comportar quando na frente dos mais velhos, quer dizer o respeito é bem preservado na localidade, sendo esta retórica repetida pelas pessoas da comunidade quando de nossas conversas com moradores. Esse costume é respeitado, não tem diferença de idade, principalmente “o tomar benção” dos mais velhos, cujo significado passa pela proteção das crianças, dizem que cada palavra que recebe de quem os abençoa faz parte do crescimento saudável.

As crianças respeitam os pais e as pessoas mais velhas, quando elas querem brincar, antes fazem pedem permissão, informam com quem elas vão brincar, onde, quando. Essas crianças não tomam nenhum tipo de decisão sem que os pais autorizem, permitem. São crianças que respeitam os limites dados pelos pais e pessoas mais velhas.

Com a natureza percebemos que a criança tem uma afinidade e cuidado, uma vivência pode se dizer especial, a gente não vê a criança desmatando, cortando as folhas, jogando lixo no terreiro. Eles manifestam amor pela natureza mais de que um adulto, porque o adulto tem uma facilidade de destruir e a criança não, aproveitam para brincar e se divertirem no meio natural. São comuns subirem ou se esconderem nas árvores, sentarem-se na areia ou na terra, se divertem no rio brincando e tomando banho.

Também, no caso do acesso à natureza, isto é, estar na natureza há certos limites, por conta de acontecimentos presenciados no dia a dia, principalmente com a presença de pessoas desconhecidas no ramal e, até mesmo no rio. Outro receio é a presença de cobras no mato; barbeiros e outros insetos prejudiciais que afetam a saúde das crianças, sem contar que com “essa varíola dos macacos, aí que os pais não os deixam as crianças estarem no mato, mas a natureza ainda prevalece na vida das crianças” (depoimento de Maria das Graças Batista Gomes, moradora da localidade).

No dia 19 de agosto saímos para mais um dia de trabalho de campo, e dessa vez entrevistamos a Agente Comunitária de Saúde (ACS), a senhora Maria das Graças Batista Gomes, moradora da localidade (Foto 15), que caracterizou as crianças da localidade assim:

Na maioria das vezes, as crianças acompanham os pais para a tarefa no trabalho, como roça, no açaiçal, no retiro de fazer farinha, as vezes para a olaria, mas só para brincar e também aos finais de semana, isso no caso da criança não ter com quem ficar em casa, eles vão acompanhar seus pais. Sempre em horários que não prejudiquem essas crianças no estudo, quer dizer se estudam de manhã, vão à tarde, e se estudam a tarde vão de manhã (entrevista realizada em agosto de 2022).

Foto 15 – As estudantes e a ACS



Fonte: Socorro Torres, 2022.

Foto 16 – As estudantes e lideranças da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022.

Ainda, a interação das crianças acontece na mistura com outras crianças para brincarem enquanto os pais trabalham, algumas não tem tanto esse tempo para brincar pois estudam nos dois horários (alguns participam de reforço escolar na própria escola, em programa específico), isso faz com que eles não se encontrem muito, mas quando podem brincar, eles brincam ao redor da casa.

Dona Maria relata ainda que os pais trabalham com o açaí, com a pesca, e que poucas famílias trabalham na roça, na lavoura, uns são marreteiros, outros trabalham nas olarias, na fabricação de canoas. Algumas mulheres ajudam a *disbulhar* o açaí, outras são manicure e outras atuam no artesanato de brinquedos de miriti, de vassoura de açaí e com brinquedos feitos de tururi (vassoura que dá na árvore de palha) daí que eles tiram seu sustento e de suas famílias.

Foto 17 e 18 – objetos produzidos



Fonte: Conceição Barreto, 2022.

No dia 20 de agosto, realizamos entrevista com moradores e familiares de crianças. A senhora Idelma Nery Rodrigues, que trabalha com o artesanato feito de tururi, mãe de 3 crianças. Segundo ela “a natureza é tudo para seus filhos, é de onde ela tira o alimento, o ar que respira é puro, quando está calor eles se banham no rio, a água é abundante”. Afirma que suas crianças não gostam de sair de onde moram, diz isso, porque levou-os para Belém e elas pediam para voltar para casa, diziam “que lá não tinha espaço para brincar, correr, pular; não tinham para onde ir”. Segundo ela, tudo ali era sofrimento para elas, e eram muitas as reclamações. Complementou dizendo que “eles são felizes onde vivem, aqui é um paraíso”. O convívio das crianças

nas famílias é observado pelos adultos, ou seja, “elas não saem de nossas vistas para brincarem, eles brincam no terreiro, por isso, foi construída uma casinha de brincar próximo da casa, no espaço chamado parque encantado para que elas brinquem”. Realmente esse espaço é arejado, aconchegante e próximo das casas dos familiares da moradora. A casinha foi feita por mestre Lucindo para seus netos e visitantes brincarem, lá eles brincam de escola, de dar aula interpretando professoras, de donas de casa e chefes de famílias.

Foto 19 – Casinha



Fonte: Maria Cristina Lobato, 2022.

Aos finais de semana quando as crianças não estão na escola com aulas, geralmente, elas participam dos cultos religiosos com seus pais, nas igrejas católica e evangélica. Nesses espaços também elas se divertem. Pelo turno da tarde tem jogos de bola de adultos, e as crianças acompanham e ficam aos arredores também jogando com outras crianças, quer dizer se misturam meninos e meninas para que a brincadeira tenha mais emoção e variedade, é uma felicidade só.

Vimos que o lugar transmite um tipo de cultura, uma circularidade do saber entre a pessoas e entre estas junto das crianças. Vimos que as crianças estão também produzindo suas vidas em diálogo com esse contexto rural-ribeirinho-quilombola.

CAPÍTULO II

SOBRE OS BRINCARES DAS CRIANÇAS DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ

Este capítulo trata das brincadeiras das crianças. Então, vamos ver diferentes formas de brincares.

Inicialmente, podemos dizer, que as brincadeiras são adaptadas, pois sabemos que na comunidade existe crianças que moram na beira do rio, e outras que moram no ramal (terra firme) e a depender dos espaços elas fazem as devidas adaptações e ajustes em suas brincadeiras.

Muitos moradores afirmaram que estamos envolvidos o tempo todo com as crianças, sejam sobrinhos, filhos, vizinhos e, cada uma, possui características próprias. Assim, para entender as crianças é preciso interagir, brincar com elas. Saber do que, como, quando brincam para entender progressivamente as relações que estabelecem entre si, afinal nesse tempo infantil por intermédio da sua ação central, o brincar, que aprendemos lidar melhor com elas.

O brincar, para além da ideia do desenvolvimento das crianças, é preciso entendermos como sendo parte do processo de constituição das culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo. Borba (2006) afirma que brincar é uma atividade lúdica que envolve a fantasia, a diversão, a conexão da criança consigo mesma. É no ato lúdico que acontecem as interações que permitem que as crianças brinquem, aprendam e ensinem. Vivam suas emoções e sentimentos. Que interajam com os espaços sociais, naturais, com as coisas e objetos, com seus pares e adultos, com a vida comunitária e seus desejos infantis. Na concepção de Borba (2005, p. 10), “A brincadeira e o brinquedo, com base na natureza interativa da atividade de brincar, são os principais pilares sobre os quais se fundam as culturas da infância”. Portanto tais elementos se fundem num mesmo processo e resultado, em si mesmos: a entrega do corpo num terno enlace de amizade e bem-querer.

Comumente, as brincadeiras vão se diferenciando conforme o espaço que as crianças ocupam, na escola, na casa, no ramal, no rio, no trabalho de seus pais, no trajeto para a escola etc. As brincadeiras se diversificam com base nos espaços, grupos, tempos, lugares. Por exemplo, as brincadeiras no rio acontecem com uma

particularidade, é limitada, pois, atualmente, as crianças não vão para o rio sem a supervisão de um adulto. Sobre este ponto o morador explica:

A gente como pai entende que as crianças gostam muito de tomar banho no rio, de brincar, mas isso só acontece quando os acompanhamos, pois hoje em dia não é mais como antes, quero dizer no nosso tempo os pais deixavam, liberavam nós para essa diversidade de brincadeiras na água e tudo era emoção, adrenalina, sentíamos o prazer dessas brincadeiras. Hoje nossos filhos têm que ser vigiados por conta da violência e acidentes de modo geral, que há entre rabetas por conta da imprudência. Então, até o horário tem que ser estipulado para que nossos filhos sintam o que há de melhor aqui, que é esse brincar natural, essa herança que tivemos o privilégio de nascer com ela, é um presente desse povo para a permanência da cultura. A importância desse brincar para as crianças é uma felicidade enorme, nós percebemos no semblante delas principalmente quando nos afastamos do nosso habitat para passar um dia a passeio, ou a alguma consulta essa criança muda, fica triste se escorando pelos cantos, ficam calados não se comunicam, mas quando chegam no espaço deles sabem tudo, respondem o que outras pessoas querem saber sobre o que há na localidade, então, são assim essas crianças no espaço em que vivem (Valmir Pinheiro Gomes³, entrevista realizada em agosto de 2022).

No relato, o morador, destaca a natureza do lugar e as movências infantis como um presente desse povo para a permanência da cultura local. Ainda que atualmente sobre outros olhares, visões.

Podemos dizer que, na comunidade as pessoas interagem umas com as outras, embora obviamente haja divergências, tanto é que nesse momento da entrevista com seu Valmir se aproxima a senhora Maria Santana, e foi logo entrado na conversa e nos convida para irmos até sua casa, pois gostaria de mostrar seu acervo de bonecas.

Realmente, ela tem bonecas de todos os tipos e modelos, algumas feitas de pano, outras de artesanato, de plástico e de lã (Figura 7). São bonecas que ela ganha de presente dos visitantes, e segundo ela empresta para as crianças brincarem na casinha, que integra o espaço do parque encantado. Esta senhora é uma das moradoras do parque, esse lugar familiar criado com o intuito de troca de saberes, de brincades e de entretenimento. No espaço, também acontece a fabricação de artesanato, teatro com personagem e, também, acontece as brincadeiras das crianças como mencionamos.

³ Atua também como presidente da comunidade.

Foto 20 – Bonecas



Fonte: Conceição Barreto, 2022.

Durante as andanças encontramos Mestre Lucindo Rodrigues à beira de sua roça e, também, o entrevistamos (foto 21). Homem simples, lavrador, cantor e compositor, poeta e autor de artes teatrais. Morador da localidade e proprietário do Parque Encantado. Esse espaço é inspirado em suas obras, ele não mede esforços para ensinar jovens a cultura local, sendo concorrente junto a outros poetas renomados na poesia, trazendo prêmios para orgulho da comunidade. Suas histórias são contadas em vários livros. Para ele brincar é uma diversão que a criança descobre no decorrer do seu dia a dia, desde criança começa as descobertas, por isso gosta de alguns brincarees.

Os meninos gostam de jogar bola e, as meninas, de casinha, boneca entre outros, são tantas as brincadeiras. A noite as crianças não brincam, a televisão fez com que afastasse os pais do convívio com os filhos, principalmente reunir os filhos à noite para contar histórias, essa cultura acabou.

Segundo ele,

Colocamos na brincadeira a coreografia que é um dos exercícios que a criança aproveita como apresentação e traz a tradição, pois nas brincadeiras antigas, vai se desenvolvendo os mitos, as lendas amazônicas, isso não podemos deixar de lado. Outra coisa, a criança evoluiu muito na parte tecnológica, a tecnologia ajuda muito, mais devemos ensinar nossos filhos e netos como usar, o momento certo de usar, uma nova metodologia de ensinar para que as crianças saibam utilizar no momento propício.

Na visão do poeta, a coreografia trabalhada com as crianças mostra como eram as brincadeiras dos antepassados, e nesse envolvimento com o palco os pequenos mostram todo seu talento, o entusiasmo e a alegria, sem contar que dão continuidade a cultura do lugar. O que no mundo contemporâneo vem perdendo espaço, pois a tecnologia ainda que importante na comunidade, de modo geral, sob o comando do celular precisa ser controlado o uso pelas crianças, principalmente no que diz respeito ao conhecimento, a descobertas que venha somar com a construção do saber.

Foto 21 – Entrevista com Mestre Lucindo



Fonte: Maria Cristina Lobato, 2022.

Outro olhar importante acerca do brincar é o dos pequenos. O aluno Emerson Maciel Gomes (06 anos) relata assim:

Brincar para mim é fazer traquinagem, inventar alegrias. Gosto de jogar bola, andar de bicicleta pelo ramal, brinco ao redor da casa, no ramal e tomo banho no rio, só quando meus pais vão comigo me reparar nessas brincadeiras. Vou também com meu irmão, vizinho e, também, com meus pais. Aprendi com meu pai jogar bola, a nadar na beira do rio, mergulhar, subir no balanço da árvore na beira do rio.

Como mencionamos, os pais afirmam que a brincadeira no rio não acontece diariamente, pois muitas rabetas trafegam com alta velocidade e exige cuidado, é perigoso porque às vezes perdem o controle. Essas brincadeiras acontecem em conjunto, meninas e meninos brincam juntos. Diz o menino, “o que eu mais gosto é de jogar futebol no campo chamado bacuri. Se as crianças da cidade viessem aqui no sítio ia mostrar o parque encantado e, também, as brincadeiras, como esconde-esconde, correr na floresta”.

Na comunidade as crianças brincam de pira pega na água, jogam bola na água. Esta última brincadeira é diferente da terra firme, porque é jogada com a mão e aquele que perde sai, brincam na maresia principalmente quando a água está muito cheia. Também, aproveitam a proa da canoa sentindo o vento com a maresia. Ainda, nas águas pulam de um lugar e *buíam* noutro, então, são brincadeiras inventadas no momento do ato de brincar.

Foto 22 – Menino brincando de bola



Fonte: Maria Cristina Lobato, 2022.

Outro relato foi o da menina Camilla Lobato Gomes (05 anos), que nos disse que brincar é conhecer outras brincadeiras.

Eu brinco de casinha, de taco, pinto as bonecas, desenho, tomo banho no rio, ando de bicicleta e brinco de vôlei com minha irmã. O lugar onde brinco é no pátio da casa, no barracão e no ramal. Brinco com meus irmãos, primos, amigos e meus pais também, as brincadeiras geralmente são durante o dia. De noite assisto televisão, brinco um pouco no celular de jogos educativos e durmo.

As brincadeiras do rio só acontecem quando vou com meus pais, isso quando estão com tempo disponível para essa aventura, no ramal brinco de pira se esconde, pira pega, brincadeira do caboquinho. Aprendi brincadeiras com meus pais como construir casinha no quintal de casa, pintar e desenhar. Brincamos todos juntos, meninas e meninos, mas tem brincadeiras que brinco só com meninas principalmente brincadeiras com bonecas, mas a brincadeira que mais gosto é de desenhar e jogar vôlei no pátio. Para as crianças que não moram na cidade eu ensinaria correr na mata ao redor de casa, tomar banho no rio, pira-pega e brincar de casinha fazendo comidinha de folhas e outras invenções que arranjamos na hora.

Foto 23 – Crianças brincando de vôlei no pátio da casa.



Fonte: Maria Cristina Lobato, 2022.

Isabella Rodrigues da Costa (08 anos) fala:

O brincar é fazer cocuinha nos pés, eu brinco de fazer casinha de comidinha, brinco de boneca, brinco com meu irmão, na casa dos meus avós. Durante o dia eu brinco dessas brincadeiras. Com meus pais aprendi cantar, brincar no celular, tomar banho no rio, e gosto de desenhar e fazer casinha ao redor das árvores próximo da casa. As brincadeiras do rio é quando vou com meus pais para reparar a gente.

Foto 24 - Casinha entre os açazeiros

Cristina Lobato, 2022.

Nas feitas a partir das identificamos que uma mesma como os (primos, sobrinhos determinado brincam formando adultos, de jovens o caso do jogo de por adultos; os brincam na quadra de areia vôlei e, as crianças, brincam ao redor do campo.



Fonte: Maria

observações andanças as pessoas de família bem aparentados etc.) num tempo e local grupos de e de crianças. É bola no campo adolescentes

A senhora Maria das graças Batista Gomes relatou que as crianças do Baixo Itacuruçá “são crianças observadoras, atentas a tudo, sabem muita coisa sobre a natureza, sabem quando a água enche, quando vaza, quando a água tá parada ou preamar, da maré de quarta, e que não medem esforço para o brincar”. Segundo a moradora, “todos os momentos para essas crianças envolvem um certo brincar”. E, na maioria das vezes, essas brincadeiras são limitadas pelos pais, principalmente pelos familiares que moram na beira do rio. O que era um momento prazeroso ficou tenso, um dos motivos que levam essa preocupação é o movimento de rabetas que navegam em alta velocidade, e às vezes perdem o controle causando graves acidentes, em outros casos levam até a óbito. Então, os pais limitam bastante os filhos frequentarem e brincarem no rio, uma vez ou outra com muita reclamação, ou um descuido as crianças saciam suas vontades.

O certo é que nas águas a movimentação da criança é cerceada, talvez por isso, muitas famílias construíram banheiros em suas casas, para que as crianças tomem banho mais à vontade, e sem a preocupação dos pais. Soma-se a isso, o fato da água está poluída causando doenças na pele como coceira, assim utilizam água de poços artesianos para suprir suas necessidades.

Embora todos esses fatores evidenciados no estudo, as crianças não deixaram de brincar, principalmente quando é no espaço do rio. Acontece mais ou menos assim, numa ida na taberna de rabeta, aproveitam para fazer uma disputa de quem chega primeiro; eles navegam no rio deslocando-se de um lugar para o outro quando vão cumprir algum afazer para os pais. Por isso, é normal crianças identificarem o barulho do barco, das embarcações que se torna para elas “adivinhar”, uma brincadeira.

O certo é que brincando elas vão interagindo e captando todos os movimentos que a natureza oferece e através dessa observação inventam suas brincadeiras, essas crianças são sábias e carregam consigo uma herança dos ancestrais que se mostra nas invenções com a natureza, numa ligação corpórea de muito prazer com as águas, com seus modos de brincar, um brincar sadio, harmonioso, de interação com o outro.

Essas brincadeiras vão ganhando espaço e se modificando na área da terra firme, as mesmas brincadeiras que as crianças da beira do rio brincam, as crianças da área da terra firme brincam de forma diferente, por exemplo, a brincadeira de bola na água (cinco corta), ela perde a velocidade, o equilíbrio por conta do movimento da água e, na terra firme, ela ganha mais equilíbrio, agilidade, velocidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo voltado as interações e brincadeiras de crianças da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, na perspectiva de valorização da cultura local, foi algo muito prazeroso e aprendente. Nós, como pedagogas praticamente vimos o quanto as crianças são sujeitos ativos e de uma potência cognitiva e social inestimável. Tla

possibilidades das crianças em suas experiências infantis são relevantes para se pensar processos educativos na escola com crianças de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, anos iniciais.

Também, foi um aprendizado sobre a cultura local quilombola, o que passa pelo meio familiar ou de vizinhança, sua produção no trabalho diário para subsistência e que as crianças interagem sempre na sua tônica, o divertimento que brinca. Nesse sentido, vão participando, observando e aprendendo daquele contexto e cultura. Elas/eles encontram brechas para uma produção própria como subir no açazeiro de brincadeira, como dizem algumas delas. Saborear, gostar e valorar o açaí começa por aí, por simples atos pedagógicos informais e até invisíveis que se dão na experiência de ser do lugar, da região, de ser quilombola, de ser também natureza. Natureza amazônica.

Para as crianças a participação no brincar é primordial, acompanhar seus pais onde quer que eles vão é gratificante, porque nessa vivência aproveitam o espaço para interação com este e com outras crianças, com outras famílias, e vão tomando parte do cotidiano quilombola em suas matrizes ancestrais, locais, atuais. Ao mesmo tempo, todo esse aprendizado de observar o trabalho de seus pais, faz com que aprendam o que é viver na Amazônia, vão tomando conhecimento do mundo em que vivem, onde moram.

O brincar na comunidade é parte da cultura local, é parte da vida de adultos e de crianças. Constitui a dinâmica daquele território quilombola, na medida em que as crianças, especialmente, interferem, criam, reinventam no dia a dia suas ações e práticas brincantes, conforme os espaços, os ordenamentos de seus pais/responsáveis, as programações comunitárias e ao seu redor de uma infinidade de invenções do brincar/brinquedo. Tal diversidade de brincadeiras foi vista nas beiradas do rio ou do ramal quando passamos, ali as crianças aproveitavam/usufruíam dos espaços e da natureza para praticar o brincar, portanto, elas possuem um grande potencial de conhecimentos por esta vivência.

O brincar para esse público envolve a interação com o outro, o desenvolvimento físico, mental e a cultura se fortalece. A resistência que as crianças quilombolas num contexto, também ribeirinho, é de uma riqueza ímpar e que precisa ser valorizada e problematizada pela escola.

Contamos sim, diferentes formas de interação e de socialização das crianças com a natureza e com familiares. Vimos diferentes modos de brincar, interagir e viver

que também foram enfatizados e descritos pelas das famílias, pelas crianças e líderes da comunidade. Também, identificamos que muitas das crianças sabem sobre suas origens, gostam de suas culturas e não trocariam seu lugar de morada, pelo valor da liberdade e da diversidade de saberes.

Como aprendizado, saímos mais convictas de que as crianças são sujeitos de direitos e, como tal, precisam ser respeitadas. E, mais, a pedagogia precisa tomar tudo isso como pesquisa e caminho pedagógico na educação de crianças da Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

BRANDÃO, C. R. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. **Crítica Educativa**, v. 1, n. 1, p. 108-132, 2015.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: MEC/SEF. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BORBA, A. M. Infância e cultura nos tempos contemporâneos: um contexto de múltiplas relações. In: **Teias**. Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Revista Discursos fotográficos**, Londrina, v.7, n.10, p.77-106 jan./jun. 2011.

POJO, Eliana Campos Toutonge; ALVES, Eliene da Silva; FREITAS, Maria Natalina Mendes (Orgs.). **Água na Amazônia paraense: território educativo de crianças**. Manaus: Ed. dos Autores, 2021.

POJO, Eliana Campos Toutonge. **Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba – PA**. 243 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP, 2017.

Entrevistas

RODRIGUES, N. I. Entrevista a Maria Lobato e Conceição Barreto. Comunidade Quilombola do Baixo Itacuruçá, ilhas de Abaetetuba (agosto 2022). arq, mp3 (30m)

PINHEIRO, P. V. Entrevista a Maria Lobato e Conceição Barreto. Comunidade Quilombola do Baixo Itacuruçá, ilhas de Abaetetuba (agosto 2022), mp3 (30m)

GOMES, B. G. M. Entrevista a Maria Lobato e Conceição Barreto. Comunidade Quilombola do Baixo Itacuruçá, ilhas de Abaetetuba (agosto de 2022), mp3 (30m)

RODRIGUES, L. Entrevista a Maria Lobato. Comunidade Quilombola do baixo Itacuruçá, ilhas de Abaetetuba (agosto de 2022), mp3 (30m)

GOMES, M. E. Entrevista realizada a Maria Lobato. Ramal Santo André, comunidade Quilombola do Baixo Itacuruçá. (agosto de 2022), mp3 (20m)

GOMES, L. C. Entrevista realizada a Maria Lobato e Conceição Barreto, ramal do Santo André, comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá (agosto de 2022), mp3 (20m)

COSTA, R. I. Entrevista realizada a Maria Lobato e Conceição Barreto, Ramal do Santo André, comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, ilhas de Abaetetuba (agosto de 2022) mp3 (20m)

Anexo A - Roteiros de entrevista

CAMPO

Roteiros de observação e de entrevista

➤ Entrevista com Agente Comunitário de Saúde (ACS)

Nº de famílias? R:
Nº de crianças da faixa etária de 5 a 8 anos? R:
Como você caracteriza as crianças da comunidade x? R:
Que tipo de interação e de brincadeiras são parte do cotidiano das crianças? R:
Como você percebe as crianças no contexto familiar? R:
Que tipo de vivência a criança tem com a natureza? R:

➤ Entrevista com Coordenador/ representante/ líder da comunidade

Como você caracteriza as crianças da comunidade do Baixo-Itacuruçá? R:
Que tipo de interação e de brincadeiras são parte do cotidiano das crianças? R:
Como você percebe as crianças no contexto familiar? R:
Que tipo de vivência a criança tem com a natureza? R:

➤ Entrevista com as famílias, no máximo 3.

Como acontece o convívio das crianças em casa? R:
Do que brincam as crianças? Como ela interage com a natureza? R:
Em que momento acontece a participação das famílias nos brincares? R:
Como é a vivência das crianças na comunidade? R:
Qual a importância do brincar?

➤ Entrevista com as crianças de 5 a 8 anos

Como é o momento do brincar pra vocês? R:
Quais são essas brincadeiras? R:
Os meninos brincam juntos com as meninas ou não tem separação? R:
De que eles gostam mais de brincar? R:
Como se dá essa interação entre seus familiares? R:

Anexo B – Termos de Consentimento



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107

ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e/ou participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) das alunas, Maria Cristina dos Santos Lobato portadora do RG 1629320 e CPF 296767542-34 e Maria da Conceição da Silva Barreto portadora do RG 6146620 e CPF 008499582-37, ambas moradoras de Abaetetuba, bairro Algodoal, acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará /PARFOR tem como objetivo de estudar as brincadeiras e interações das crianças da comunidade do Baixo-Itacuruçá.

Fui informada, ainda, de que a pesquisa é coordenada pelas professora Eliana Campos Pojo Toutonge poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 3751-1107 ou e-mail lina@ufpa.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos de estudo e que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, de agosto de 2022.

Valmir Pinheiro Gomes

Assinatura do(a) participante:

Maria Cristina dos Santos Lobato
Maria da Conceição da Silva Barreto

Assinatura das orientandas

Eliane do Socorro Gomes Brandão

Assinatura do(a) testemunha(a)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

Rua da Angélica s/n.º - Mutirão - Fone/Fax: (91) 3751-1107

ABAETETUBA – PARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e/ou participar do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) das alunas, Maria Cristina dos Santos Lobato portadora do RG 1629320 e CPF 296767542-34 e Maria da Conceição da Silva Barreto portadora do RG 6146620 e CPF 008499582-37, ambas moradoras de Abaetetuba, bairro Algodal, acadêmicas do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará /PARFOR tem como objetivo de estudar as brincadeiras e interações das crianças da comunidade do Baixo-Itacuruçá.

Fui informada, ainda, de que a pesquisa é coordenada pelas professoras Eliana Campos Pojo Toutonge poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 3751-1107 ou e-mail lina@ufpa.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos de estudo e que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, de agosto de 2022.

Maria dos Anjos Batista Gomes

Assinatura do(a) participante:

Maria Cristina dos Santos Lobato
Maria da Conceição da Silva Barreto

Assinatura das orientandas

Maria Santana Veri Rodrigues

Assinatura do(a) testemunha(a)

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, de agosto de 2022.

Lucindo Ferreira Rodrigues

Assinatura do(a) participante:

Maria Gislene dos Santos
Maria da Conceição da Silva Barreto

Assinatura das orientandas

Jgarina Veri Rodrigues

Assinatura do(a) testemunha(a)

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, de agosto de 2022.

Iclema Neri Rodrigues

Assinatura do(a) participante:

Maria Cristina dos Santos Lobato
Maria da Conceição da Silva Barreto

Assinatura das orientandas

Maria Santana Neri Rodrigues

Assinatura do(a) testemunha(a)

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, de agosto de 2022.

Maria Santana Veri Rodrigues

Assinatura do(a) participante:

Maria Quitun dos Santos Lobato
Maria da Conceição da Silva Barreto

Assinatura das orientandas

Maria das Graças Batista Gomes

Assinatura do(a) testemunha(a)

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, de agosto de 2022.

Jose Maria Mendes Gomes

Assinatura do(a) participante:

Maria Cristina dos Santos Lobato
Maria da Conceição da Silva Baneto

Assinatura das orientandas

Josiel Pinheiro Gomes

Assinatura do(a) testemunha(a)

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelos pesquisadores e/ou seus orientadores.

Fui informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Abaetetuba, de agosto de 2022.

Sebastiana Pinheiro Cavas

Assinatura do(a) participante:

Maria Cristina dos Santos Lobato
Maria da Conceição da Silva Barreto

Assinatura das orientandas

Josiel Pinheiro Cavas

Assinatura do(a) testemunha(a)